



***ATRAVESSAMENTOS DE GÊNERO, SEXUALIDADE NA PSICOLOGIA:
DISCUTINDO ALGUNS ACONTECIMENTOS¹***

***LOS ATRAVESAMIENTOS DE GÉNERO Y SEXUALIDAD EN LA
PSICOLOGÍA: DISCUTIENDO ALGUNOS HECHOS***

***CROSSINGS OF GENDER AND SEXUALITY IN PSYCHOLOGY:
DISCUSSING SOME EVENTS***

Caroline Amaral Amaral

Paula Regina Costa Ribeiro²

Suzana da Conceição de Barros³

RESUMO

Entendemos que as temáticas gênero e sexualidade são pautas da Psicologia enquanto ciência e profissão e, em decorrência disso, são importantes na formação de acadêmicas/os dos cursos de Psicologia Bacharelado. Para tanto, esse texto tem, como objetivo, tecer aproximações entre o campo da psicologia e as discussões sobre gênero e sexualidade a partir de alguns acontecimentos, tais como a eleição para o Conselho Federal de Psicologia em 2019; a discussão sobre “cura gay” em 2017; as resoluções sobre atuação de psicólogos/os em relação às identidades sexuais e de gênero, dentre outros. O referencial teórico está baseado nos Estudos de Gênero e Sexualidade e nas

¹A autora desta pesquisa conta com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Doutoranda em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. Membro do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (GESE). Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.

²Doutora em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Professora do Instituto de Educação e dos Programas de Pós-Graduação: Educação em Ciências e Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Pós-Doutorado na Escola Superior de Educação de Coimbra/Instituto Politécnico de Coimbra. Pesquisadora do Grupo de Investigación en Educación y Sociedad (Gies). Líder do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (Gese), atuando principalmente nos seguintes temas: corpos, gêneros e sexualidades. Bolsista produtividade 1C do CNPq. E-mail: pribeiro.furg@gmail.com.

³Mestre e Doutora em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Professora da Escola de Ensino Fundamental Professor Manoel Martins Mano, do município do Rio Grande. Atua como pesquisadora no Grupo de Pesquisa Sexualidade Escola-Gese-FURG. E-mail: suzinhab@yahoo.com.br

teorizações de Michel Foucault. Com base nos acontecimentos elencados, foi possível perceber que a Psicologia vem sendo convocada a (re)pensar suas práticas e suas abordagens teóricas no que se refere às discussões de gênero e sexualidade, de modo a se posicionar, política e cientificamente, e a ter, como preceito, o respeito e o reconhecimento das pluralidades das existências de gênero e sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Sexualidade. Psicologia. Formação em Psicologia.

RESUMEN

Comprendemos que las temáticas de género y de sexualidad son pautas de la psicología en cuanto ciencia y profesión y, por eso, son importantes en la formación de académicas/os de los cursos de psicología bachillerato. Para ese propósito, ese texto tiene como objetivo delinear aproximaciones entre el campo de la psicología y las discusiones sobre género y sexualidad a partir de algunos hechos como la elección para el Consejo Federal de Psicología en 2019; la discusión sobre “sanación gay” en 2017; resoluciones sobre la actuación de psicólogas/os en relación a las identidades sexuales y de género, entre otros. Las referencias teóricas están basadas en los Estudios de Género y Sexualidad y en las teorizaciones de Michel Foucault. Con base en los hechos señalados, fue posible percibir que la Psicología está convocada a (re)pensar sus prácticas y sus abordajes teóricos con relación a las discusiones de género y sexualidad, de modo a posicionarse política y científicamente, teniendo como precepto el respeto y el reconocimiento de las pluralidades de las existencias de género y sexualidad.

PALABRAS CLAVE: Género. Sexualidad. Psicología. Formación en Psicología.

ABSTRACT

We understand that the themes of gender and sexuality are guidelines of psychology as science and profession and, because of that, they are important in the formation of academic students in the courses of psychology bachelor's degree. To this end, this text aims to weave approximations between the field of psychology and the discussions on gender and sexuality from some Events such as the election to the Federal Council of Psychology in 2019; the discussion on “gay healing” in 2017; resolutions on the performance of psychologists in relation to sexual and gender identities, among others. The theoretical framework is based on Gender and Sexuality Studies and Michel Foucault's theories. Based on the listed events, it was possible to perceive that Psychology has been called upon to (re) think its practices and its theoretical approaches in relation to gender and sexuality, discussions in order to position itself politically and scientifically, with the precept of respect and recognition of the pluralities of gender and sexuality existences.

KEYWORDS: Gender. Sexuality. Psychology. Psychology Training.

* * *

Quero uma Psicologia que se metamorfoseie o tempo todo, acompanhando as mudanças da realidade social de nosso país. Não podemos querer uma Psicologia que seja a cristalização de uma mesmice de nós mesmos.

Ana Bock⁴

⁴ Trecho do artigo *A Psicologia a caminho do novo século: identidade profissional e compromisso social*. A referência completa encontra-se no tópico Referências desse texto.

Introdução

Comportamentos, *psiquê*, emoções, subjetividades, sentimentos... a Psicologia possui diferentes maneiras de compreender o ser humano. Essa compreensão pode se dar por meio de um olhar comportamental, humanista, de orientação psicanalítica, cognitiva-comportamental, existencialista, psicométrico, junguiana, social, dentre tantas outras possibilidades. De qualquer forma, são olhares alicerçados em teorias que se anunciam enquanto capazes de “explicar” a construção e as nuances da subjetividade. No entanto, assim como nos aponta Ana Bock (1999), essa área de estudo deve estar atenta às mudanças sociais e políticas do país. Mesmo diante de diversificados modos de entender o ser humano e suas relações com o mundo, sabemos que é preciso olhar novamente para o campo, refletir sobre suas práxis e acerca de suas bases epistemológicas.

Na intenção de contribuir para que a Psicologia não seja uma cristalização de si mesma, debruçada, exclusivamente, em suas verdades conformadas, este texto tem, como proposta, discutir algumas aproximações entre o campo da Psicologia e as discussões sobre gênero e sexualidade⁵ a partir de alguns movimentos históricos, a saber: a eleição para o Conselho Federal de Psicologia em 2019; a discussão sobre a “cura gay” em 2015; as resoluções acerca da atuação de psicólogas/os em relação à orientação sexual e de identidade de gênero, dentre outros. Antes de tecer tais aproximações, é pertinente revisitar alguns acontecimentos referentes à constituição da Psicologia enquanto ciência e profissão, ou, “foucaultianamente” afirmando: enquanto campo de poder e saber⁶.

Para tanto, no texto, a proposta é, em primeiro momento, revisar alguns fragmentos da história da Psicologia. Após isso, a proposta é se tecer aproximações e promover discussões sobre esse campo de estudo em interlocução com as discussões sobre gênero e sexualidade e finalizamos com algumas considerações.

⁵ Salientamos à/ao leitor/a que, ao longo do texto, em alguns momentos, gênero e sexualidade estarão escritos no singular e no plural. Quando os empregarmos no singular, esses estão sendo tomados enquanto conceito/ferramenta teóricos. Já no momento em que foram grafados no plural, as referências serão às expressões/vivências de gêneros e sexualidades.

⁶ Mencionamos as relações de poder e de saber a partir de Michel Foucault, entendendo que esses estão diretamente implicadas, uma vez que, nas palavras do filósofo francês, “não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (2007, p. 27).

Fragmentos de uma história da Psicologia

Ao adotar um olhar foucaultiano e pós-estruturalista para elaborar um texto, principalmente quando nos aventuramos a discorrer sobre a história, assumimos que o narrar não se pretende linear nem busca uma origem de tudo. Além disso, sabemos que as palavras aqui escritas não nos contam de uma verdade que se pretende absoluta, até mesmo porque, assim como nos lembra Chimamanda Ngozi Adichie⁷, a história que se apresenta como universal é perigosa!

Cientes de tais perigos, nos aventuramos a relatar um pouco do que aqui chamamos de fragmentos da história da Psicologia. Assumimos a palavra fragmento em função de que não acessamos a história em sua íntegra, enquanto algo intocado, puro. Ao narrar uma história, produzimos verdades sobre ela, o que implica pensar que não somente narramos, contudo construímos história. Dessa forma, assumimos a compreensão de que escolhemos alguns fragmentos históricos que compõem *uma* história da Psicologia e não *a* história da Psicologia.

Ainda, partimos do entendimento de que não há como capturar a história em essência, em sua originalidade, intocada pelas verdades e pelas impressões que temos a respeito do mundo (VEYNE, 2008; RIZZA, 2015), uma vez que a história é da ordem do subjetivo. Logo, escolhemos relatar determinados fatos e outros deixamos de dizer, e “a fixação de uma escala de importância é intencional” (RIZZA, 2015, p. 40). Desse modo, os valores e as importâncias que damos a determinados acontecimentos dependem dos critérios elencados por aquela/e que narra uma história.

Assim, com base nas discussões feitas por Nikolas Rose (2011), dizer de uma história da Psicologia é atentar para diferentes movimentos que a constituem. Embora seja uma ciência recente, o cuidado com a alma humana, suas vicissitudes, suas patologias, as ditas paixões e emoções são discussões que não passaram a ser estudadas a partir da emergência da Psicologia, porém são debates que perpassam diferentes esferas, como os saberes ancestrais de povos tradicionais, como Filosofia, Medicina, Fisiologia (NARVAZ, 2009; ROSE, 2011).

Na busca por ser reconhecida enquanto campo científico, a Psicologia rompeu com correntes que outrora foram consideradas como especulativas e pré-científicas, passando a operar pelo viés positivista da ciência. Isso implica dizer que, para além de a

⁷O perigo da história única disponível em https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt#t-8247

subjetividade ser discutida como interioridade do sujeito da “alma”, o ser humano passou a ser entendido pela sua materialidade biológica – especialmente pelo viés da Fisiologia com Willhelm Wundt na Alemanha. A partir disso, o sujeito passou a ser compreendido por uma lógica positivista cartesiana, enquanto universal e *a-histórico*, destituído de singularidade (NARVAZ, 2009).

Apesar de o movimento da Psicologia, no Brasil, não se restringir às pesquisas em laboratório, como acontecia na Universidade de Leipzig, sabemos que a constituição da Psicologia brasileira fora influenciada (e ainda é) por concepções e bases epistemológicas advindas dos Estados Unidos e da Europa. De acordo com Martha Narvaz (2009), a construção da Psicologia brasileira, diferentemente dos movimentos de Wilhelm Wundt, foi marcada pela presença da Medicina Social, da Psiquiatria, da Educação e da Administração do trabalho por meio de práticas que se disseminam no campo da saúde, educação e trabalho. Essas existências, por sua vez, passaram a ser gerenciadas com a intenção de produtividade e de educação dos corpos.

Dessa forma, a Psicologia passou a gerenciar existências a partir de um sistema capitalista, em que a vida começou a ser entendida e gerenciada de forma privada. Diante disso, tornou-se emergente a necessidade de gerenciar sujeitos por meio da família enquanto núcleo, da divisão social e sexual do trabalho e, conjuntamente, “homens e mulheres passaram a ser concebidos como seres individuais, singulares, passíveis de conhecerem e de serem conhecidos (as).” (NARVAZ, 2009, p. 60).

Por conta do contexto social, econômico, histórico e cultural, em especial, a partir do século XVIII, empreendeu-se um controle e um gerenciamento dos corpos e das existências. Tal contexto passou a dizer e a gerenciar vivências não só com base em preceitos morais, mas também éticos, por meio de estratégias que visavam ao governo e à sujeição dos indivíduos, objetivando fabricar seres que se curvassem diante das verdades que lhes eram ditas sobre suas existências e, com base nessas, construíssem estéticas de si (NARDI; SILVA, 2014; FOUCAULT, 2014b; NARVAZ, 2009). Com base nisso, entendemos que os fragmentos de uma história da Psicologia não dizem apenas de sua emergência enquanto campo de saber, mas também têm relação com o controle social das vidas, uma vez que a Psicologia não aborda, em sua constituição, apenas práticas que visem a uma construção de autonomia para os sujeitos, porém, conjuntamente, diz de estratégias de controle, governo e condução de condutas.

No contexto de uma sociedade ocidental (ROSE, 2011; FOUCAULT, 2015; NARVAZ, 2009), a qual gerencia sujeitos a partir das dicotomias público/privado e

anormal/normal e frente à “necessidade” de gerenciamento dos sujeitos, a Psicologia, ao lado de outras psicociências (ROSE, 2011), emerge como forma de classificar e de ordenar vidas. Para tanto, emprega diferentes elementos, dentre eles os gêneros e as sexualidades.

Martha Narvaz (2009), ao discorrer sobre a história na Psicologia no Brasil, denuncia que tal campo científico foi utilizado como instrumento que disseminava pensamentos e práticas higienistas, eugenistas, machistas, racistas e coloniais (NARVAZ, 2009). A vida dos homens e das mulheres passou a serem estudadas na minúcia; a família passou a ser tida como instância do âmbito do privado e responsável pelo “bom” gerenciamento e educação de pais, mães e filhos/as (FOUCAULT, 2015; NARVAZ, 2009; ROSE, 2011). Com isso, verdades sobre subjetividades passaram a ser cientificamente produzidas e reverberadas socialmente, sendo criadas figuras como: o homem provedor, agressivo, viril; responsável pela boa educação de sua família, cujo instinto sexual é visto como elemento natural e esperado. Por outro lado, a mulher emerge, cientificamente, enquanto figura que deve zelar pelo lar e pela boa educação dos/as filhos/as, devendo ser, especialmente, submissa e dócil. Nesse contexto, a sexualidade da esposa passa ser para e do marido; além da organização social de procriação, em que laços heterossexuais são entendidos como destino natural de todos/as (FOUCAULT, 2015; NARVAZ, 2009; ROSE, 2011).

Desse modo, a história da Psicologia é composta por variados fragmentos, oriundos de distintos discursos, seja por meio da aproximação e intersecção de diferentes campos de saber, dos diversos enunciados a respeito do comportamento humano, inconsciente, dos sentimentos, emoções e subjetividades, além das implicações sociais, culturais e econômicas. Nikolas Rose (2011), ao abordar uma história crítica da Psicologia, afirma que a contingência e a consolidação de tal ciência perpassam diferentes aspectos, a saber: econômicos, políticos, profissionais, culturais e patriarcais. Sabemos que os fragmentos que constituem tal história advêm de diferentes olhares possíveis.

A seguir, passamos a apresentar os olhares e os entendimentos de gênero e de sexualidade, a fim de pensarmos a respeito do campo da Psicologia com relação a tais temáticas.

Olhares de gênero e sexualidade para(na) Psicologia

Tematizar o(s) gênero(s) no processo de formação em psicologia significa criar meios para dar visibilidade às possíveis tramas que produzem e reproduzem relações assimétricas entre as pessoas na sociedade. Estas formas encontram-se imersas em um contexto social e cultural e podem se manifestar por meio dos sistemas que estruturam os cursos de psicologia.
Marcelo Assis⁸

Tendo como base o pensamento de Marcelo Assis (2018), partimos da ideia de que olhar para a Psicologia, com base nas discussões de gênero e sexualidade, mostra-se necessária e importante na contemporaneidade. Ao afirmar isso, todavia, não estamos afirmando que essa área, desde sua emergência, enquanto campo científico, não analise as questões de gêneros e sexualidades, no entanto, que é preciso olhar novamente para o que, porventura, entenda-se enquanto natural, unânime e cristalizado. Assim, esta escrita tem, como uma de suas motivações, o convite ao estranhamento daquilo que é dado como comum, pois, assim como nos sugere Michel Foucault, “é preciso também que nos inquietemos diante de certos recortes ou agrupamentos que já nos são familiares” (FOUCAULT, 2019, p. 26).

O movimento de iniciar este texto pelos fragmentos da história da Psicologia não diz do nosso interesse em afirmar quando as discussões de gênero e sexualidade passaram a fazer parte do campo da Psicologia. Não almejamos encontrar uma origem dos discursos que legitimam um campo de saber como científico, mas atentar para os efeitos de poder (FOUCAULT, 2015b; FOUCAULT, 2014a).

Destacamos que é importante olhar as teorias psicológicas já estudadas e pensar sobre elas, de modo a refletir de que maneira elas vêm operando em relação àquilo que vem acontecendo na atualidade, nos diferentes modos de nos produzirmos sujeitos de gêneros e sexualidades no atual contexto social e histórico. É necessário refletir de que maneira a Psicologia se (re)organiza, na intenção de conseguir conceber, por exemplo, a transexualidade não mais como um transtorno mental; (re)pensar a forma como, em meio às tecnologias digitais, o corpo nu e a sexualidade vêm sendo vivenciadas por meio do *sexting*. Ainda, é preciso (re)pensar de que maneira podemos ter “psicologias” atentas às diferentes formas de relacionamento, como o poliamor; (re)pensar os processos de construção das subjetividades assexuais; (re)pensar a bissexualidade

⁸ Trecho retirado da dissertação de mestrado *Gênero e a formação de psicólogas/os em Goiás: problematizando (in)visibilidades e reflexos no ensino acadêmico*. A referência completa encontra-se no tópico Referências desse texto.

enquanto identidade sexual e não como indicador de um transtorno; (re)pensar as bases teóricas que sustentam orientações profissionais baseadas nos gêneros; ou mesmo (re)pensar qual o espaço para aqueles/as que se entendem como pessoas não-binárias ou de gênero fluído.

Ao elencar tais possibilidades de discussões, não sugerimos que existe um caminho certo a ser seguido, haja vista que os referenciais e as teorizações que nos valem não prescrevem receitas. Entretanto, ressaltamos que os referenciais teóricos escolhidos não dizem apenas do modo de pensar, mas também, indicam ações. Nesse sentido, os discursos (re)produzidos acerca da sexualidade, gênero e Psicologia não dizem apenas das epistemologias escolhidas, mas também se relacionam às práticas, ao fazer e ao agir, em Psicologia, no que se refere a tais discussões (FOUCAULT, 2015b; FOUCAULT, 2014a). Assim, justifica-se a necessidade de (re)pensá-las.

Os marcadores sociais de gêneros e sexualidades são importantes aspectos da constituição de subjetividades. Dessa forma, para que a prática de psicólogas/os esteja em consonância com seus documentos orientadores, a exemplo do Código de Ética Profissional, é imprescindível olhar para o sujeito de modo integral e, a partir do respeito às diferenças. Com esse intento, é significativa a compreensão de que o gênero e a sexualidade são partes integrantes dos sujeitos e de suas subjetividades (LOURO, 2005).

Estudos feitos por psicólogas/os como Karen Anjos e Maria Lima (2016), Marcelo Assis (2018), Tatiane Pecoraro e Rafael Guimarães (2017), Andréa Lima (2019), Juliana Perucchi e Brune Brandão (2019), Martha Narvaz (2009), assim como Marco Prado e Igor Monteiro (2019), pontuam que a Psicologia tende a apresentar olhares essencialistas, baseando-se na biologia, no que diz respeito às discussões de gêneros e sexualidades. Além disso, de acordo com essas/es autoras/es, entender um corpo com vulva essencialmente como feminino, por exemplo, atribui a essas vivências o caráter de normalidade, tomando-as como centro, fazendo com que subjetividades diferentes dessas sejam consideradas anormais e patológicas.

Guacira Louro, ao discutir sobre gênero e acerca dos diferentes discursos que o constituem, observa que existem variados entendimentos sobre tais temáticas. A autora afirma que “o espectro dessas distinções atravessa as mais variadas dimensões: características físicas, psicológicas, comportamentais, habilidades e aptidões, talentos e capacidades são acionados e nomeados para justificar os lugares sociais, os destinos e as possibilidades “próprias” de cada gênero” (LOURO, 2005, p. 85). Nosso entendimento

é o de que as discussões sobre sexualidade e gênero perpassam diferentes campos de saber, assim como variadas perspectivas teóricas.

No entanto, enquanto posicionamento científico e político, partimos da compreensão de que os conceitos de gênero e de sexualidade são discursivamente produzidos. Nesse sentido, analisamos que gêneros e sexualidades sejam social, científica e culturalmente produzidos. Desse modo, não existe uma verdade sobre o que sejam gênero e sexualidade, mas sim verdades historicamente construídas, verdades em disputa de poder.

Embora cientes de que existe uma pluralidade de discussões possíveis a partir dessas discussões, nós entendemos que é necessário abandonar visões que contribuem para violências LGBTifóbicas, sexistas, machistas e misóginas. A história das questões de gênero e sexualidade está atrelada a narrativas de preconceitos, invisibilidades e discriminações e, por conta disso, defendemos o posicionamento de que a Psicologia deva fugir de discursos e de práticas que contribuem para a reverberação de discursos de violências e desigualdades de gêneros e sexualidades.

Ademais, além de serem entendidos como marcadores sociais, gênero e sexualidade também são tomados como ferramentas conceituais analíticas (MEYER, 2013), o que possibilita pensá-los como categorias pelas quais as relações sociais se estabelecem por meio de hierarquizações de sujeitos, marginalização, organizações sociais e categorização de corpos (MEYER, 2013). Em outros termos, representam mais que uma discussão de identidade, vão além da função de produção de subjetividade e/ou considerados somente enquanto temáticas. Desse modo, gênero e sexualidade também são conceitos, são ferramentas analíticas as quais podem (e devem) ser usadas para questionarmos as metanarrativas baseadas em ideias naturalizadas acerca de gêneros e sexualidades. Na concepção de Dagmar Meyer, aquilo que tomamos como natural, como a verdade, é passível de questionamento, já que “nada está dado de antemão, toda verdade – mesmo aquela rotulada de científica – é parcial, provisória e resulta de disputas travadas em diversos âmbitos do social e da cultura e pode, por isso, ser questionada.” (MEYER, 2013, p. 13).

Para dar continuidade às discussões que vem sendo construídas, no próximo tópico, elencamos alguns acontecimentos que, em nosso entendimento, têm provocado debates no campo da Psicologia entrelaçada com as discussões de gênero e sexualidade.

Acontecimentos de gênero e de sexualidade na Psicologia

O que é a nossa atualidade? Qual é o campo atual das experiências possíveis?” Uma “ontologia do presente; uma ontologia de nós mesmos”

Michel Foucault⁹

Para a escrita deste texto, inspiramo-nos no conceito de acontecimento proposto por Michel Foucault (FOUCAULT, 2019; 2014). Esse conceito é utilizado a partir da compreensão de que se faz necessário pensar o presente sempre se atentando para as condições de existências de determinados discursos (FOUCAULT, 2019). Nas palavras de Edgardo Castro, olhar para o acontecimento é pensar a relação entre novidade e regularidade, “assumindo a descontinuidade dessas regularidades, o acaso de suas transformações, a materialidade de suas condições de existência” (CASTRO, 2016, p. 25). A noção de acontecimento nos convida a questionar “o que é nossa atualidade?” (CARDOSO, 1995, p. 54), de modo a problematizar o que somos hoje a partir de uma historicidade. É nesse sentido que o referido conceito, junto à compreensão de história, é acionado, ou seja, com a intenção de olhar para as relações de forças e de problematizar a Psicologia, hoje, em relação aos gêneros e às sexualidades.

Com o intuito de refletir sobre a atualidade, selecionamos alguns acontecimentos que datam de 2013 a 2020. Elencamos diferentes produções e eventos, que abordavam, em suas discussões, as temáticas de gênero e sexualidade no contexto da Psicologia. São acontecimentos que, em nosso entendimento, colocam em debate tais temáticas junto à Psicologia. Assim, são acontecimentos de gênero e sexualidade que nos provocam a pensar nas lutas, nas resistências e nos embates dessas discussões no/para o campo da Psicologia.

No ano de 2017, mesmo sendo proibida, por lei, a terapia de reversão sexual desde 1999, o juiz Waldemar Cláudio de Carvalho, da 14ª Vara do Distrito Federal, concedeu uma liminar que permitia aos/às profissionais de Psicologia a realização de psicoterapias voltadas à reversão sexual, popularmente denominada de “cura gay”. A liminar em questão promoveu uma onda de protestos por parte de movimentos sociais, ao mesmo tempo que impulsionou alguns/algumas apoiadores/as da prática.

Ao sinalizar que discussões como a “cura gay” ainda se constituem como uma pauta que não foi totalmente superada, mesmo depois de sua proibição, em 1999,

⁹ Trecho retirado da obra *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. A referência completa encontra-se no tópico Referências desse texto.

acreditamos que seja necessário seguir debatendo, política e teoricamente, sobre esse tema. Mesmo que se tenha resoluções que balizem a atuação de psicólogos/as/es, no que se refere às pessoas LGBTI+ (lésbica, gay, bissexual, transexual, travesti, intersexual), ainda é preciso discutir quais olhares e discursos têm sido disseminados a respeito dessas identidades; quais os entendimentos vêm sendo (re)produzidos e em quais lugares epistêmicos as atuações profissionais têm se pautado. Sobre isso, Juliana Perucchi e Brune Brandão observam que:

termos equivocados e maléficos como “cura gay” ou “ideologia de gênero” ganharam a cena, infelizmente, em pleno século XXI no Brasil. Adentrar nessa área é um profícuo exercício para se pensar sobre o lugar atual que a Psicologia tem ocupado nas discussões políticas e direitos humanos mais amplos, especialmente em relação aos direitos no campo dos gêneros e das sexualidades. Além disso, pensar como, muitas vezes, a Psicologia faz o “trabalho sujo” na docilização dos corpos (PERUCHI; BRANDÃO, 2019, p. 44).

Diante disso, vale destacar de que o Conselho Federal de Psicologia (CFP) apresenta as resoluções: 001/1999 (estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual); 001/2018 (determina normas de atuação para as psicólogas e os psicólogos no que tange às pessoas transexuais e travestis) e a resolução 10/2018 (dispõe sobre a inclusão do Nome Social na Carteira de Identidade Profissional da psicóloga e do psicólogo e dá outras providências). Essas normativas versam sobre a atuação da/o psicóloga/o pautada no respeito à diversidade sexual e de gênero. Com base no artigo 2º do Código de Ética de Atuação Profissional da/o psicóloga/o:

Art. 2º – Ao psicólogo é vedado: a) Praticar ou ser conivente com quaisquer atos que caracterizem negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade ou opressão; b) Induzir a convicções políticas, filosóficas, morais, ideológicas, religiosas, de orientação sexual ou a qualquer tipo de preconceito, quando do exercício de suas funções profissionais [grifo nosso]. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005, p. 9).

Mesmo assim, no mês de dezembro de 2019, um grupo de psicólogos e psicólogas entrou judicialmente com uma ação popular visando à suspensão da resolução 001/99 do Conselho Federal de Psicologia. Segundo o grupo, essa normativa seria uma espécie de afronta aos direitos da sociedade e da/o profissional de psicologia e contra a humanidade. Ainda conforme elas/es, a proibição da prática de reversão sexual

impediria a realização de estudos científicos que pudessem gerar soluções para comportamentos homoeróticos. No ano seguinte, em 21 de janeiro 2020, o Supremo Tribunal Federal, na figura da ministra Carmem Lúcia, extinguiu a ação popular e manteve a proibição da então chamada “cura gay”, mantendo, dessa forma, a resolução 001/99.

No ano de 2019, aconteceram as eleições para compor o Conselho Federal de Psicologia - CFP. Cinco chapas entraram na disputa. Dentre elas, citamos a chapa Psicólogos em Ação, a qual tinha, como uma de suas propostas, a regulamentação de tratamento para pessoas LGBTI+ por conta das identidades de gêneros e/ou sexuais; à época, essa chapa recebeu apoio do Movimento de Ex-Gays do Brasil - MEGB, fundado em agosto de 2019, que tem, como líder, Miriam Fróes, a qual se intitula “ex gay”.

Nessa época, a então ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, recebeu a visita do MEGB e de representantes da chapa Psicólogos em Ação. Isso se deu no dia 5 de agosto de 2019. Na ocasião, a visita de tais seguimentos sinalizou para o apoio de Damares em relação aos ideais dos grupos. Ao reconhecermos que a ministra desempenha papel político, é preciso ressaltar que Damares Alves também exerceu influência política, sinalizando que as premissas políticas não são pautadas em neutros posicionamentos.

No que diz respeito ao resultado das eleições, foi registrado o total de 101.377 mil psicólogas/os/es votantes em todo o Brasil. A chapa supracitada, Psicólogos em Ação, obteve 5.458 mil votos, contabilizando 6% dos votos. Foi eleita a chapa 21, intitulada Frente em defesa da Psicologia Brasileira, que totalizou 44.259 mil votos, o que representou 48% dos votos.

Dentre as propostas de ações da chapa eleita, destacam-se dois itens. O primeiro é a proposta de que a Psicologia “reconheça e respeite todas as diferenças humanas e combata o preconceito e a discriminação em suas múltiplas formas de expressão”. Já o segundo é a proposta de que a Psicologia “preze e incentive a pluralidade de referenciais teórico-metodológicos como fator de crescimento e desenvolvimento do campo”. Ambas as propostas foram feitas pela chapa eleita, indicando que as discussões propostas por nossa pesquisa são debates atuais, uma vez que esse estudo se propõe a pensar sobre como a formação em Psicologia tem considerado as discussões de gêneros e sexualidades. Acreditamos que as referidas discussões potencializem uma abertura para debates no campo das psicologias que consideram não só a dimensão psíquica dos

sujeitos, mas, conjuntamente, os aspectos sociais, culturais e históricos que são agentes no processo de (re)construção das subjetividades.

É necessário pensar sobre como os discursos científicos reverberam nas construções de subjetividades, já que esses discursos são práticas (FISCHER, 2001). Nesse sentido, os discursos científicos (re)produzidos pela Psicologia também indicam verdades deste mundo (FOUCAULT, 2015b), passíveis de discussão e de problematização. A intenção é que haja a fragmentação deles para que não ganhem sentido de universalidade. Assim como sugerimos na epígrafe dessa escrita, é preciso metamorfosear a Psicologia com relação às realidades sociais do país, para que essa ciência não se cristalice em si mesma (BOCK, 1999).

A fim de dar seguimento às discussões propostas, utilizamo-nos das palavras de Álvaro Alves: “mas como nos lembra o filósofo francês Canguilhem, a quem servem os psicólogos? Temos que nos habituar a perguntar de que somos instrumentos, caso contrário, a Psicologia se converte em técnica de controle social” (ALVES, 2017, p. 16). Visto que, mesmo diante do fundamento de que “o psicólogo atuará com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural.” (CONSELHO FEDERAL, 2005, p. 7) ainda ocorrem práticas que disseminam preconceitos, as quais atuam ativamente no processo de invisibilidade de identidades. Além disso, existem práticas que marginalizam existências com base nos gêneros e nas sexualidades. Por vezes, são discursos imersos de preconceitos, que se “escondem” e se “legitimam” atrás de discursos científicos.

Diante disso, consideramos necessário problematizar o dito, o não dito, as práticas e as enunciações em relação às questões de gênero e sexualidade (FOUCAULT, 2019; 2014b). É preciso politizar discursos que psicologizam tais marcadores sociais e compreendem que esse modo de entendê-los é natural e universal. É mister discutir acerca de quais entendimentos se tem do que seja o normal e o patológico, já que os saberes produzidos na e da Psicologia, “não são abstratos e neutros, mas produtos de pessoas concretas, relacionados ao modo como estas se incluem no mundo, ou seja, são vivos, dinâmicos e construídos historicamente” (PECORARO; GUIMARÃES, 2017, p. 17).

Sabemos que adentrar nas discussões sobre gênero e sexualidade não se configura como um processo “tranquilo”, diversamente, pois são temas que mobilizam discussões, debates e embates (COSTA, 2003; LOURO, 2014). As discussões de gênero e sexualidade se mostram como arena de disputa, isso porque a luta contra o

silenciamento e a invisibilização, em geral, ocorre simultaneamente a movimentos que buscam discriminar e patologizar existências.

O campo da sexualidade se constitui como ponto de estratégia das relações de poder e saber (FOUCAULT, 2015b), portanto é objeto de disputa. Nas palavras do filósofo, o importante é que o sexo não seja considerado somente objeto de sensação e de prazer, de lei ou de interdição, mas que também represente verdade e falsidade; que a verdade do sexo tenha se tornado coisa essencial, útil e perigosa, preciosa ou temida. Em suma, é preciso que o sexo tenha sido constituído em objeto e verdade. (FOUCAULT, 2015a, p. 63).

Embora as discussões sobre a moral, ética, vigilância e esquadramento da sexualidade tenham sido discutidas por Michel Foucault, em 1976, por meio da publicação da *História da Sexualidade I: a vontade de saber*, ainda hoje percebemos ressonâncias de uma *scientia sexualis* que vigia, marginaliza e que classifica como anormal, tornando alvo de correção certas vivências da sexualidade. Para ilustrar isso, citamos a produção do livro *Tentativas de Aniquilamento de Subjetividades LGBTI+*¹⁰, elaborado pelo Conselho Federal de Psicologia, lançado no ano de 2019.

Esse livro apresenta diferentes narrativas de pessoas LGBTI+ que passaram por situações de violências na família, no trabalho, nas ruas, mas, principalmente, violências proferidas por profissionais de Psicologia durante atendimentos. Configuram-se como violências que vão desde classificar suas identidades como algo “pecaminoso” até realização de técnicas que prometiam reverter a identidade sexual e/ou de gênero dessas pessoas, mesmo essa prática sendo proibida. A obra em questão nos sinaliza práticas que se pautam em discursos científicos – muitas vezes atrelados ao discurso religioso – que fazem da sexualidade um meio pelo qual existências são consideradas enquanto patológicas e/ou amorais.

Nessa obra, são apresentadas falas de pessoas LGBTI+, porém a identidade sexual não é a única característica destacada nas falas, outros marcadores sociais, como os gêneros, idade, raça e etnia, indicam que somos constituídas/os por diferentes aspectos. Nas palavras de Guacira Louro (2005, p. 86), “homens e mulheres não se constituem, apenas, por suas identidades de gênero, mas também por suas identidades de classe, de raça, de etnia, de sexualidade, nacionalidade, idade...” .

¹⁰ O livro está disponível em <https://site.cfp.org.br/publicacao/tentativas-de-aniquilamento-de-subjetividades-lgbtis/>

Ao colocar em discussão identidades de gêneros e identidades sexuais, almejamos colocar em movimento o pensamento de que tais discussões não se constituem apenas no âmago do prazer ou da identidade. Objetivamos atentar para o fato de que tais elementos são capturados pela ciência como forma de produzir “a verdade” sobre os sujeitos. Assim, discutir as sexualidades e as normas de gênero extrapola debates sobre certas classificações, como proibição ou repressão, pecado ou desejo, como algo promíscuo ou natural. Contudo, é interessante observar as maneiras como a sexualidades e os gêneros são tomados como objeto de verdade, alvos de discursos por intermédio dos quais posições de sujeitos são construídas.

Além disso, é preciso deixar evidente que esses debates – a disputa sobre quem versa sobre “a verdade” em relação às temáticas do campo do gênero e sexualidade – estão relacionados a questões de poder e de saber, pois fica evidenciado, nos diversos posicionamentos sobre, por exemplo, a “cura gay”, o quanto existem disputas de interesse, de saber e de poder envolvidas nesse assunto, perpassando instâncias médicas, *psi*, jurídicas, midiáticas e religiosas.

Outros acontecimentos que consideramos pertinentes debater são as políticas advindas do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), como as referências técnicas produzidas pelo Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP). Dentre as vinte e uma que se encontram disponíveis no site do Conselho Federal de Psicologia, destacamos as Referências Técnicas para atuação de psicólogos (os) em programas de atenção às mulheres vítimas de violência (2013) e as referências técnicas para psicólogas/as nos Centros de Referência Especializado de Assistências Social - CREAS (2013). Nas orientações presentes nesses documentos, encontra-se a indicação de que as discussões sobre gênero devem ser realizadas no contexto da psicologia. Ainda, indicam a importância de psicólogos/as discutirem as teorias que embasam suas práticas, tendo em vista que, por vezes, podem ocorrer disseminações de preconceitos com base no gênero e nas sexualidades justamente no contexto dos dispositivos que se propõem a atender e a acolher pessoas que foram (e são) vítimas de violência de gênero e/ou sexual.

Vale ressaltar que tais documentos orientam que o papel da/o psicóloga/o é promover a reflexão por parte das mulheres em situação de violência, com o intuito de que elas possam reconstruir suas vidas e fazer novas escolhas. Para isso, é fundamental ter acesso à grande variedade de conceitos e teorias a respeito da violência e acerca da especificidade do gênero. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2012, p. 50).

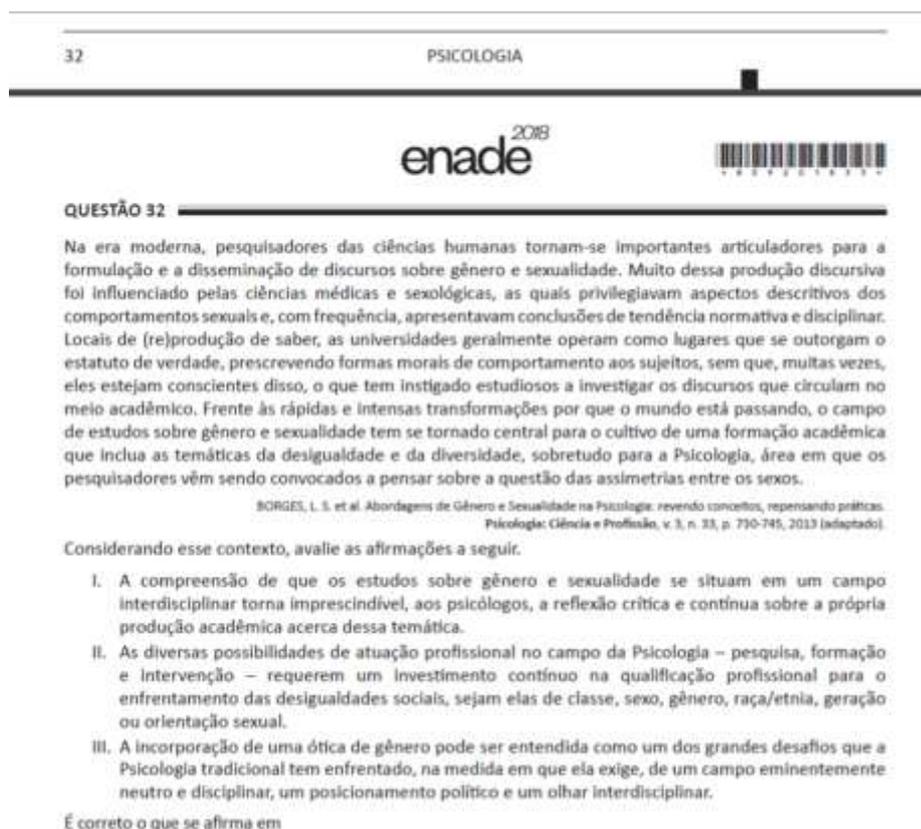
Além disso, o próprio Conselho Federal de Psicologia, por meio de tais normas técnicas, pontua ser necessário debater conceitos de gênero com base no argumento de que as discussões teóricas dão embasamento às práticas das/os profissionais de Psicologia.

Pensar sobre os conceitos que dão sustentação às práticas, na área da Psicologia, implica atentar para as diferentes discussões, acontecimentos e documentos que orientam a atuação de psicólogas/os no que se refere às temáticas de gênero e sexualidades. Em função disso, conjuntamente com os movimentos já citados, consideramos pertinente apresentar acontecimentos referentes à formação em Psicologia no que diz respeito às temáticas de gênero e sexualidades. Para fomentar tal discussão, selecionamos dois movimentos.

Um desses está relacionado à prova do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), aplicada aos estudantes de Psicologia Bacharelado. Na edição de 2018, uma das questões (FIGURA 1), a qual compõe a prova, baseava-se no artigo científico produzido pelas pesquisadoras Lenise Borges, Alice Canuto, Danielle de Oliveira e Renatha Vaz (2013), intitulado *Abordagens de gênero e sexualidade na Psicologia: revendo conceitos, repensando práticas*¹¹. A questão de número 32 da prova trazia à tona as discussões sobre gênero e sexualidade, bem como a pertinência dessas para o campo da Psicologia. Assim, por sabermos que o Enade tem, como finalidade, avaliar o desempenho das/os estudantes com relação aos conteúdos considerados necessários para o desenvolvimento de habilidades e competências para atuação profissional (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2021), entendemos que tal acontecimento aponta a necessidade e a pertinência de o campo da Psicologia promover debates acerca das discussões de gênero e sexualidades no processo de formação de psicólogas/os.

¹¹ Para acessar o artigo na íntegra acesse https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932013000300016&script=sci_abstract&tlng=pt.

Figura 1: Questão do Enade 2018



Fonte: INEP, 2018

Em conjunto ao debate a respeito do processo de formação em Psicologia, citamos o parecer 1071/2019 do Conselho Nacional de Educação, aprovado em 4 de dezembro de 2019, o qual apresenta orientações acerca da revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Psicologia. Dentre as variadas recomendações contidas no parecer, destacamos a orientação de que os cursos de graduação em Psicologia necessitam proporcionar à/ao estudante uma formação que esteja em consonância com a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Ademais, essa normativa orienta que a/o psicóloga egressa/o deve atuar respeitando os seguintes princípios:

- b) respeitar as diversidades de gênero, sociocultural, étnico-racial, religiosa e outras;
- c) trabalhar de maneira acolhedora, empática e efetiva considerando todas as formas de diversidade. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2019, p. 9)

As Diretrizes Curriculares Nacionais, para os cursos de Psicologia, são documentos que apresentam princípios, valores e conteúdos programáticas que devem fazer parte da formação de psicólogos/os no Brasil. É importante ressaltar que o parecer

de 2019, ao mencionar a pertinência de uma atuação, em Psicologia, que respeite marcadores sociais de gêneros, juntamente aos outros, indica que as discussões de gênero, assim como a sexualidade, são temas constituintes dessa área de estudo.

Dessa forma, com base na percepção de que tais discussões fazem parte do campo da Psicologia, como nos apontaram os acontecimentos históricos supracitados neste texto, passamos a apresentar argumentações acerca de algumas possibilidades de discussões sobre gênero e sexualidades nessa área. Ainda, apresentamos nosso olhar a respeito desses assuntos.

Considerações Finais

*Psicologia, vocês apoiam essa causa?
Vocês estão aqui lutando para a gente?
Do nosso lado?
Leona Molaia¹²*

Para tecer algumas considerações finais, apresentamos a fala de Leona Molaia (2016), extraída do vídeo *Psicologia e Relações de Gênero e Sexualidade*, para pensar sobre a Psicologia, suas práticas e discursos no que tange às pautas de gênero e sexualidades. Tal como Molaia (2016), acreditamos ser necessário problematizar as posições teórico-políticas que vêm sendo adotadas por psicólogas/os no que diz respeito ao gênero e às sexualidades. Diante de diferentes reivindicações dos movimentos sociais – movimentos feministas e movimentos LGBTI+ - é preciso problematizar a forma como teorizações da Psicologia vêm sendo pensadas a fim de promover escutas no contexto da sociedade atual e com o intuito de pensar de quais lugares as/os profissionais se voltam para as produções de subjetividades de gênero e de sexualidades na atualidade.

Os fragmentos da história da Psicologia indicam que tal campo de saber, por inúmeras vezes, contribuiu para a reverberação de discursos que cooperaram para a exclusão de experiências/vivências baseadas no gênero e nas sexualidades. Com base nos acontecimentos apresentados, detectamos que a Psicologia vem sendo acionada, enquanto campo de saber e poder, a se posicionar contra movimentos, posturas e discursos que contribuem para as reverberações de discursos homofóbicos, sexistas, machistas, misóginos e tantas outras formas de violência e preconceito. As discussões

¹² Leona Molaia é mulher trans e psicóloga.

sobre “cura gay”, violência contra a mulher, atenção à formação em Psicologia, assim como outras discussões, inscritas nos acontecimentos, indicam a pertinência de uma maior aproximação entre o campo da Psicologia e os Estudos de Gênero e Sexualidade, uma vez que a prática, em Psicologia, é balizada pelos discursos teóricos que a sustentam. Os campos teóricos de gênero e sexualidades possibilitam discussões que colocam em suspenso, por exemplo, expectativas sociais baseadas em normas de gênero e sexualidade, a saber: a binaridade, a heteronormatividade, as configurações familiares e a violência contra as mulheres e sujeitos LGBTI+.

Para além de compreender gênero e sexualidade, enquanto categorias a serem consideradas em pesquisas científicas e atuações profissionais, os debates construídos a partir dos acontecimentos apontam para a necessidade de a Psicologia atentar para as discussões das diferentes experiências, vivências, bem como para o fato de que ela deve perceber a existência de gêneros e sexualidades a partir de uma postura problematizadora de suas próprias bases epistemológicas. Outrossim, compreendemos que as discussões ressaltam a pertinência de a Psicologia considerar o ser humano a partir de diferentes marcadores sociais, afastando-se da visão de um sujeito universal. Desse modo, entendemos que gênero não diz respeito apenas do ser homem ou mulher, assim como sexualidade não se restringe ao desejo. Gênero e sexualidade são elementos que devem ser considerados enquanto produtores de subjetividades e de posições dos sujeitos no mundo.

Em nossa compreensão, gênero e sexualidade são parte de tal campo de saber, possivelmente desde sua constituição, tendo em vista que diferentes psicologias já classificaram as mulheres como históricas; que a virilidade já foi pautada como essencialmente masculina; que a criança já foi classificada enquanto ser assexuado; que a homossexualidade já foi apresentada enquanto patologia, a bissexualidade enquanto transtorno, a masturbação enquanto desvio. Isso se deu do mesmo modo que tantas outras psicologias seguem apontando a necessidade de se considerar ser humano em sua pluralidade de posições; psicologias que indicam a importância das discussões feministas para atuação; psicologias que defendem a necessidade de promover escutas que reconheçam as existências LGBTI+ enquanto legítimas subjetividades. Essas, por sua vez, são psicologias que alertam sobre as malezas dos preconceitos e a respeito das violências, sejam elas baseadas nos gêneros e nas sexualidades, seja em outros marcadores identitários, como classe, étnico-raciais, geracionais, dentre outros.

Ao compreender que gênero e sexualidade são construções históricas, sociais e culturais, atentamos para a discussão de que, a partir desses marcadores sociais, vamos nos produzindo de diferentes formas, enquanto sujeitos de gêneros e sexualidades, produzidos/as na e pela cultura da qual fazemos parte. Dessa forma, consideramos importante discutir o fato de que a Psicologia, enquanto campo privilegiado de saber que versa sobre as subjetividades, deve ter um compromisso social. Para tanto, é necessário que a Psicologia assuma seu lugar de poder e saber, de modo a promover escutas e posicionamentos que busquem a erradicação de discursos que fomentem violências e discriminações.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo da história única**. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt#t-8247. Acesso em: 27 de fevereiro de 2021.

ALVES, Álvaro Marcel Palomo. Prefácio. In: PECORARO, Tatiane. GUIMARÃES, Rafael Siqueira de. **Discursos sobre relações de gênero e diversidade sexual na formação de psicólogas(os)**. Curitiba: CRV, 2017, p. 13 – 14.

ANJOS, Karen Priscila Lima dos; LIMA, Maria Lúcia Chaves. Gênero, sexualidade e subjetividade: Algumas questões incômodas para a psicologia. **Psicologia em Pesquisa**, v. 10, n. 2, p. 49-56, 2016. DOI: 10.24879/201600100020059.

ASSIS, Marcelo Marques. **Gênero e a Formação de Psicólogas/os em Goiás: problematizando (in)visibilidades e reflexos no ensino acadêmico**. 2018. 127 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Goiás, 2018.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A Psicologia a caminho do novo século: identidade profissional e compromisso social. **Estudos de Psicologia**, v. 4, n. 2, p. 315-329, 1999.

BORGES, Lenise Santana et al . Abordagens de gênero e sexualidade na Psicologia: revendo conceitos, repensando práticas. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 33, n. 3, p. 730-745, 2013 . Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932013000300016&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 2 março de 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932013000300016>.

CARDOSO, Irene de Arruda Ribeiro. Foucault e a noção de acontecimento. *Tempo Social; Rev. Sociol USP*, S. Paulo, v. 7, n. 1-2, p. 53-66, outubro de 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ts/v7n1-2/0103-2070-ts-07-02-0053.pdf>. Acesso em 04 de março de 2021.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault** – um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Código de Ética Profissional do Psicólogo. Brasília, agosto de 2005.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Referências técnicas para atuação de psicólogos (os) em Programas de Atenção à Mulher em situação de Violência. Brasília: CFP, 2012.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Referências Técnicas sobre a Prática de Psicólogas (os) no Centro de Referência Especializado da Assistência Social (CREAS).* Brasília: CFP, 2012.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA SP. *Psicologia e Relações de Gênero e Sexualidade.* Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=e-FdPCBT2Tw&list=PLPHNas_83SZWPxDeaORC0cFjX6Zc3vx77&t=1161s. Acesso em 05 de março de 2021.

COSTA, Marisa Vorraber. **Currículo e política cultural.** In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *O currículo nos limiões do contemporâneo.* 4 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 37 – 68.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, 2001, p. 197 – 223. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf>. Acesso em 28 de fevereiro de 2021.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014a.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I:** a vontade de saber. 2 ed. São Paulo, Paz e Terra, 2015a.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II:** o uso dos prazeres. 1 ed. São Paulo, Paz e Terra, 2014b.

FOUCAULT, Michel. **Verdade e poder.** In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder.* 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015d, p. 35 – 55.

FOUCAULT, MICHEL. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. 34. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LIMA, Andréa Moreira. Gênero, diversidade sexual e psicologia: reflexões sobre a formação dos(as) psicólogas(os). In: FERRÃO, Dalcira. **Psicologia, gênero e diversidade sexual: saberes em diálogo.** Conselho Regional de Psicologia. Belo Horizonte, MG: CRP04, 2019, p. 17 - 34.

LOURO, Guacira Lopes. **O currículo e as diferenças sexuais e de gênero.** In: LOURO, Guacira Lopes (org). *O currículo nos limiões do contemporâneo.* 4 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 85 – 92.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014

INEP. Instituto de Estudos e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira. *Provas e gabaritos. Enade*. 2018. Disponível em: <http://inep.gov.br/web/guest/educacao-superior/enade/provas-e-gabaritos>. Acesso em 05 de março de 2021.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade)*. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enade>. Acesso em 2 de março de 2021.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) dos Cursos de Graduação em Psicologia e estabelecimento de normas para o Projeto Pedagógico Complementar (PPC) para a Formação de Professores de Psicologia. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior. 2019. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=139201-pces1071-19&category_slug=dezembro-2019-pdf&Itemid=30192. Acesso em 2 de março de 2021.

NARDI, Henrique Caetano; SILVA, Rosane Neves da. **Ética e subjetivação: as técnicas de si e os jogos de verdade contemporânea**. In: GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima (orgs). *Foucault e a Psicologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014, p. 143 – 159.

NARVAZ, Martha Giudice. *A (in)visibilidade do gênero na psicologia acadêmica: onde os discursos fazem(se) política*. Junho de 2009. 305. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Porto Alegre, 2009.

PECORARO, Tatiane; GUIMARÃES, Rafael Siqueira de. *Discursos sobre relações de gênero e diversidade sexual na formação de psicólogas(os)*. Curitiba: CRV, 2017.

PERUCCHI, Juliana; BRANDÃO, Brune Coelho. A formação em Psicologia e a emergência da Psicologia Crítica no atual contexto brasileiro: desafios na atuação frente à diversidade sexual e de gênero. In: FERRÃO, Dalcira. **Psicologia, gênero e diversidade sexual: saberes em diálogo**. Conselho Regional de Psicologia. Belo Horizonte, MG: CRP04, 2019, p. 36 – p. 59.

PETERS, Michel. **Estruturalismo, pós-estruturalismo e pós-modernismo**. In: PETERS, Michel. *Pós-estruturalismo e Filosofia da Diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 09 – 46.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MONTEIRO, Igor Ramon Lopes. *Psicologia, práticas Psi e perspectiva Queer: algumas questões em torno das 'terapias' identitárias*.

In: FERRÃO, Dalcira. **Psicologia, gênero e diversidade sexual**: saberes em diálogo. Conselho Regional de Psicologia. Belo Horizonte, MG: CRP04, 2019, p. 138 – 174.

ROSE, Nikolas. **Uma história crítica da Psicologia**. In: ROSE, Nikolas. *Inventando nossos selfs: psicologia, poder e subjetividade*. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 65 – 98.

RIZZA, Juliana Lapa. *A sexualidade no cenário do ensino superior: um estudo sobre as disciplinas nos cursos de graduação das universidades federais brasileiras*. 2015. 217 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. Rio Grande.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. 4. ed. Brasília: Ed. UnB, 2008. 285 p.

Recebido em fevereiro de 2021.

Aprovado em abril de 2021.